




## A família dormia tranqüilamente e no

**POR WILLIAM M. HENDRYX**

UMA ONDA DE NOVE metros de altura fez Jerry Toops rodopiar. Os escombros o atingiram e feriram seu corpo. Ele se esforçou para manter a cabeça erguida, usando toda a força que tinha nas pernas e no tronco para na-

dar, enfrentando a correnteza na tentativa de alcançar uma fileira de árvores. A noite estava tão escura quanto a água. Empurrado na direção dos cedros, Toops agarrou um galho e segurou com firmeza. Pedacos de madeira, reboco e sujeira o atingiam, acumulando-se em volta



O rompimento da represa de Taum Sauk, no Missouri, liberou cerca de seis bilhões de litros de água.

# DAÇÃO

**momento seguinte lutava para sobreviver**

de seu corpo. O entulho o fazia afundar. Ele era um homem ativo, de mãos fortes, mas, centímetro a centímetro, o peso e a força da água faziam suas mãos deslizarem pelo galho, arrancando as folhas.

Quando ele já não podia resistir, o entulho retrocedeu, permi-

tindo que ele subisse até a copa da árvore. Agarrado aos galhos, exausto, só de cueca sob a neve insistente e um frio de zero grau, estava esgotado. Conseguiu sobreviver, mas, à medida que via as águas revoltas, aumentava a certeza de que a mulher e os filhos haviam morrido.

## Lisa viu o telhado de sua casa rachar

A HORA DE DORMIR chegava cedo na casa da família Toops, que ficava num vale arborizado do Parque Estadual Johnson's Shut-Ins. Às 20 horas, Lisa Toops pôs os três filhos na cama. Ela e Jerry, superintendente do parque, não demoraram muito a fazer o mesmo. Estavam acostumados a um horário de trabalho que seguia mais a luz do sol do que o fluxo de carros. Jerry era um autêntico guarda-florestal: forte, em forma e habilidoso com as mãos.

O naturalista de 42 anos amava o parque. Um bilhão de anos antes, a atividade vulcânica causara a elevação da camada de granito e confinara o Rio Negro, no Sudeste do Estado do Missouri. Com o passar do tempo, a água represada esculpira desfiladeiros espetaculares, tobogãs naturais e poços no meio da rocha. No verão, o parque atraía os que queriam nadar, acampar e caminhar, mas agora, nas semanas que antecederiam o Natal, tudo estava sossegado.

Às 4 horas daquele 14 de dezembro de 2005, o bebê acordou, chorando baixinho de fome. Lisa afastou os cabelos da frente dos sonolentos olhos verdes, tirou o pequeno Tucker do berço, que ficava no quarto ao lado, e atravessou o corredor até o sofá da sala, para amamentar o filho. Geralmente, depois de alimentá-lo ela o levava de volta ao berço, mas naquela noite os dois adormeceram no sofá.

Uma hora depois, Lisa acordou com um susto. Ouviu um estrondo

que aumentava, diminuía e aumentava de novo. Achando tratar-se de um grande tornado, agarrou firmemente o bebê e se levantou. "Jerry, pegue as crianças!", gritou. Deduzindo que o porão era a única esperança, correu até o quarto de Tanner, o filho de 5 anos. Ele estava saindo da cama, acordado pela confusão. Lisa gritou por ele, estendendo-lhe a mão, mas, antes que pudesse agarrá-lo, a enxurrada invadiu a casa.

A água lhe cobriu os tornozelos e logo os joelhos. Em segundos, passava da altura do peito. Lisa segurava o bebê acima da cabeça enquanto a onda inundava o quarto. Ela não sabia o que estava acontecendo, mas tentava se manter calma por causa das crianças. "Agarre-se à cama!", gritou para Tanner, esforçando-se para se manter de pé em meio à enxurrada. A água continuava subindo, sem dar trégua. "Prenda a respiração, querido!", disse ela. Instantes depois, eles estavam cobertos pela água escura.

"JERRY!" fora tudo o que Jerry Toops ouvira do apelo da mulher para que ele "pegasse as crianças". O nítido desespero da voz de Lisa interrompera-lhe o sono um momento antes de o estrondo cortar o restante da frase. O barulho parecera uma esquadrilha de jatos voando dentro da casa. Os pés de Jerry tocaram o chão e, no mesmo instante, uma parede do quarto desabou, arremessando-o longe. Um segundo depois, a parede oposta tam-

## e se quebrar como uma casca de ovo.

bém se desfez, caindo sobre Jerry e a cama. Ele estava submerso.

Por intuição, Jerry nadou para cima – três, seis, nove metros – até emergir em meio a árvores arrancadas pela raiz, pedaços de reboco, móveis e blocos de granito. Parecia o Dilúvio. Tudo estava destruído. Nadou até um pedaço do telhado, que boiava ali perto, e subiu nele. “Lisa! Tanner! Tara! Tucker!”, gritou, sem, no entanto, conseguir ouvir a própria voz, abafada pelo furor da água. Rezando para avistar pelo menos uma cabeça vindo à tona, ele sabia que tal possibilidade era remota. Afinal, mesmo sendo forte e ágil, tivera de se esforçar ao máximo para escapar. Que chance eles teriam?

Pareceu uma eternidade. Debaixo d’água, Lisa Toops lutava pela pró-

pria vida e também pelas de Tucker e Tanner. Não tinha idéia de onde estava Tara, a filhinha de 3 anos. Imaginar o que teria acontecido era terrível. Ela afastou o pensamento e se concentrou.

Da mesma forma repentina que chegara, a água começou a baixar. A cabeça de Lisa encontrou o ar. Ofegante, olhou para cima bem a tempo de ver o telhado se rachar e quebrar como uma casca de ovo: uma saída onde até então não havia nenhuma. Ela segurou o bebê com um braço e usou o outro para nadar na direção da passagem. Onde estava Tanner? Na confusão, perdera de vista o filho

**A casa dos Toops antes e depois da ruptura da represa. A casa deles foi a única destruída pela inundação.**



## No silêncio daquele quase amanhecer

mais velho. *Bata os pés, querido*, pensava ela, torcendo para que ele se lembrasse das aulas de natação do último verão. *Bata os pés.*

Logo em seguida, Lisa e o bebê deixavam a casa que se desintegrava, levados por um verdadeiro *tsunami* na escuridão gelada da noite.

TRINTA SEGUNDOS ANTES, Jerry Toops dormia profundamente; agora, lutava pela vida. Toops forçou a vista para enxergar na escuridão da noite. Ele sabia o que acontecera. Havia previsto a possibilidade. Tinha até se preparado, elaborado um plano de evacuação para o caso de um desastre natural romper a represa no alto da

montanha, a cerca de três quilômetros de sua casa. Era uma exigência do trabalho, mas a decisão de morar ali colocara sua família em risco. E agora se culpava pela morte da mulher e dos filhos.

Toops, no entanto, não tinha certeza do motivo da inundação. A represa havia se rompido, liberando no estreito vale seis bilhões de litros de água, uma torrente que arrasara tudo em seu caminho, até mesmo uma floresta inteira. Mas não fora um desastre natural o responsável

Agora em terra firme, os Toops (em sentido horário): Jerry, Lisa, Tara, Tucker e Tanner.



# Wadlow ouviu um fraco pedido de ajuda.

pela libertação daquele monstro; fora um erro na construção, uma falha humana.

Concluída em 1963, a represa tinha paredes de concreto de quase 30 metros de altura. Era parte da usina de energia hidrelétrica de Taum Sauk, de propriedade de uma empresa local. Um mecanismo “à prova de falhas” havia permitido que o reservatório transbordasse. A água erodiu o solo em uma das laterais da depressão e a represa se desintegrou – arrastando a família Toops.

POR VOLTA DAS 5H50, o capitão Ryan Wadlow, voluntário do Corpo de Bombeiros de Lesterville, saía de casa para o trabalho, como operador de equipamentos pesados, quando seu bipe tocou. Wadlow tinha dois metros de altura e pesava quase 150 quilos. Para desconhecidos, ele parecia ameaçador, mas amigos e vizinhos sabiam que tinha um bom coração.

Como morava perto, Wadlow foi o primeiro a chegar ao local do desastre. Ele não sabia, mas pouco mais de 45 minutos tinham se passado desde que a família Toops fora arrancada de casa. Wadlow estacionou a picape e se enfiou na mistura de lama e água que chegava à altura do joelho. A lanterna revelava o cenário de destruição.

Tudo naquele vale, que sempre lhe fora tão familiar, estava irreconhecível. Arrasado. Desolado. Um trecho de um viaduto estava coberto por

quase um palmo de barro. Uma parede de árvores arrancadas havia se formado na cabeceira de uma ponte que atravessava o Rio Negro. No lado da estrada oposto ao local onde ficava a casa da família Toops, vários veículos se espalhavam por um campo encharcado, como se tivessem caído do céu.

Naquele momento, no silêncio do quase amanhecer, ouviu um fraco pedido de ajuda. Era uma voz masculina, desesperada por causa do frio.

– Onde você está? – perguntou Wadlow.

– Socorro!... – era a única resposta, repetida sem parar.

Iluminando o caminho com a lanterna, Wadlow percorreu uns 400 metros, sob chuva fina e neve, as pernas enfiadas na lama até quase os joelhos, tentando se aproximar da voz.

Sete minutos depois, chegou a uma árvore. A voz vinha de cima. Um homem, pálido como um cadáver, segurava-se nos galhos mais altos. Estava sangrando e tinha o corpo coberto de limo e folhas. Parecia em choque.

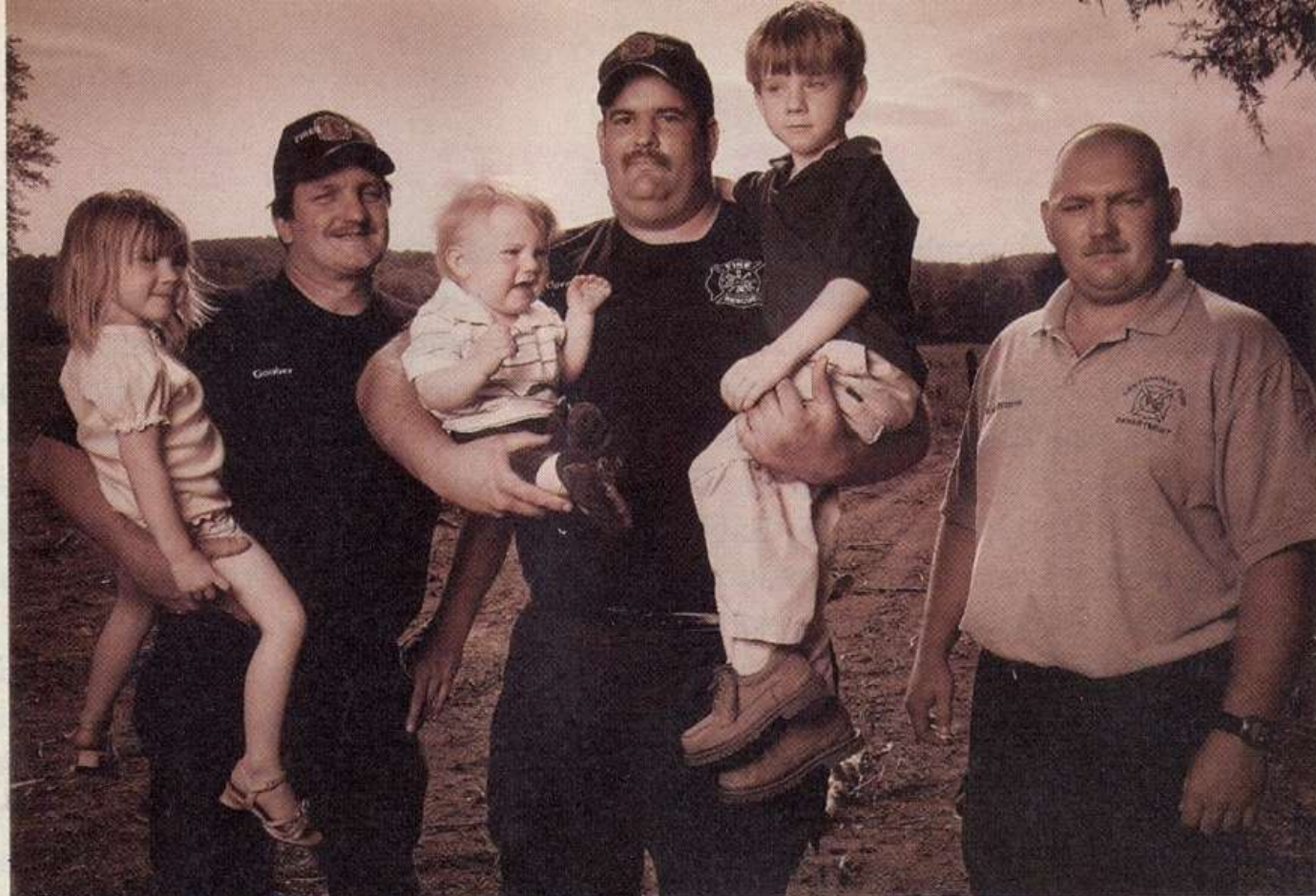
Esticando-se ao máximo, Wadlow ajudou Jerry Toops a descer e, em seguida, ofereceu-lhe o casaco.

– Você é o superintendente do parque? – perguntou.

– Sim – respondeu Toops.

– Há alguém com você? – perguntou Wadlow.

Toops murmurou palavras incompreensíveis. Outros companheiros da equipe de resgate chegaram ao local,



Os bombeiros Gary Maize, Ryan Wadlow e Ben Meredith no campo onde encontraram Tara, Tucker e Tanner.

entre eles o chefe Ben Meredith e o veterano Gary Maize, à procura de sobreviventes. Wadlow acompanhou Toops até saírem da parte inundada e pediu a um bombeiro que o levasse até a ambulância. Em seguida, voltou à busca. Gary Maize e dois outros voluntários já haviam começado a procurar por sobreviventes numa área a quase um quilômetro de onde estavam Wadlow e o posto de comando.

Com uma fraca lanterna, o grupo de Maize se embrenhou por entulhos e cercas de arame farpado. “Tem alguém aí?”, ele gritou, e pouco depois disse aos companheiros: “Shhh! Ouvei alguma coisa.” Desligou o rádio e redobrou a atenção. Devagar e cuidadosamente, percorreu toda a área

com a luz da lanterna. Bem à sua frente havia algo em meio às ruínas.

Exausta e desorientada, vestindo apenas uma camisola, Lisa Toops estava sentada na terra encharcada – a cerca de um quilômetro de onde ficava sua casa. Segurava o bebê junto ao peito, e Tanner estava deitado em seu colo, aparentemente desacordado. Nenhum deles se moveu ou abriu a boca. Tinham permanecido ali, juntos, debaixo de chuva e neve, por uma hora e dez minutos.

“A senhora está bem?”, perguntou Maize. Era claro que não estava. Ele segurou o bebê e retirou a lama e as folhas que lhe obstruíam o nariz. Outro bombeiro envolveu Tanner com seu casaco e tentou verificar a pulsação do menino. Não conseguiu.

Ryan Wadlow, que já se havia juntado ao grupo, ergueu Lisa e a carregou nos braços até os veículos de resgate. Um dos voluntários perguntou:

- Quantos filhos a senhora tem?

Lisa, recusando-se a soltar os braços do pescoço de Wadlow, não respondia.

- Senhora, quantos filhos?

De repente, ela pareceu acordar.

- Tenho três... - disse, antes que sua voz sumisse novamente.

De algum modo, mesmo com todo o tumulto, ela continuara a segurar o bebê. E, por milagre, também conseguira agarrar Tanner quando ele passou diante dela, pedindo socorro. Mas não vira sinal de Tara.

DEPOIS DE ENCAMINHAR Lisa a outros voluntários, Wadlow voltou ao local onde ela havia sido encontrada. Ficou ali, no silêncio, por um momento. E foi então que ouviu um choro bem baixinho. Uma criança! Seguiu o som. Pisando na lama, percorreu dez metros até chegar a um cedro. Embaixo dos galhos, quase invisível sob o lodo e os detritos, estava uma menina vestida com um pijama enlameado. Ele se aproximou e lançou sobre ela um fecho de luz. Os olhos azuis estavam arregalados; a respiração ofegante. Wadlow tomou-a nos braços e correu para a ambulância.

NO POSTO DE COMANDO, o angustiado Jerry Toops recebia cuidados em outra ambulância quando chegou a notícia de que “havam encontrado o bebê e a menina”. Toops pensou que tivessem achado seus corpos. Temendo a verdade, perguntou:

- Eles estão vivos?

- Sim - foi a resposta.

Pela primeira vez naquela madrugada, Jerry Toops chorou.

O sol nasceu por trás das montanhas e, dez minutos depois, ele recebeu a informação de que Lisa e Tanner também estavam vivos.

A família foi reunida, levada ao centro médico local e, de lá, transferida para o Hospital Cardeal Glennon, em St. Louis. Todos apresentavam quadro de hipotermia e tinham o corpo coberto de escoriações - exceto Tara, que sobrevivera sem um único arranhão. A situação de Tanner era a mais complicada. Mas a equipe médica continuou trabalhando e, após quase duas horas de reanimação cardiopulmonar, o menino recobrou a consciência. Tucker e Tara permaneceram no hospital por seis dias; Tanner teve de ficar duas semanas. Mas todos se recuperaram.

## O CÚMULO



- Qual o cúmulo da organização? Tomar sopa de letrinhas em ordem alfabética.
- Qual o cúmulo da confiança? Jogar palitinho por telefone.
- Qual o cúmulo da rapidez? Trancar uma gaveta com a chave dentro.
- Qual o cúmulo da rebeldia? Fugir de casa quando se mora sozinho.

NATASHA WELP JORGE, Rio de Janeiro (RJ)